

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 15 de Janeiro de 1895.

NUM. 8.

EXPEDIENTE

Assignatura por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamento adiantado.

O Pão publicará-sea duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Marechal, numero 1.

SUMARIO: Os quinze dias, Ivan d'Azod; Affonso Celso e o Padario; — No Campo, Cabral de Alencar; — Chronica, X. de Castro; — Poetas contemporaneos, Jose Carlos Junior; — Medalhas, Moacyr; — Ponto de vista, Ulyssea Bezerra; — Bibliographia; — A nossa correspondencia; — Curioso.

Os quinze dias

Maldito peccado que o Anatolio nos collocou em frente ao primeiro dia d'este anno.

Roseando o partido que era mais pratico, aspirava-lhe o odor apertivo; senti a immensa do estomago contrahir-se em aneis ptaeruelicas... e quem pudera resistir aquella tentação?

Compreendi então o martyrio de Eva e o seu enorme peccado.

Impulsão monstruosa me arrastava a fructo prohibido symbolisado na meza do Anatolio por aquella ave-re e cada. Cahi na tenção e lá se foi escopago abaixo, o maldito, a recordar a minha hepatite adormecida. E não houve boudzoge ou boudzox que regasse aquella culpa, tão grande que ainda me faz estupidamente encher uma tira de papel, occupando-me com a ave mais escupida da criação. E que para mim o parazo do bom humor está perdido.

Ah! a chronica!

Registremos antes de tudo o bom acolhimento que o publico, sempre respeitavel, dispensou aff Pão, que

d'esta vez excedeu em tamanho — peço e massa a todos os pães do mercado.

O nosso gerente viu-se em talas para atender aos pedidos de assignaturas que lhe choviam de cada canto, formulados verbalmente ou por meio de cartões, de cartas e até de telegrammas.

Por ultimo foi o pobre Satyro, obrigado a deixar energia, declarando que não podiamos ficar sem Pão para o gasto de casa, que se podia aceitar assignaturas d'este numero em diante, para o que seria augmentada a tiragem, etc., etc.

Eufem dos elogios da imprensa, que põe em ser tilos, como suspectos, somente de pessoas competentes e tidas com o paladar exigente, que extrinaram sobre a nossa folha concertos extremamente lisongeiros.

Doutos e leigos, enfim, concorreram para a boa fortuna que habeoje o nosso reaparecimento.

Gente acostumada a só comer pão com manteiga, comeu-o sem ella.

Houve, com excepção, quem se queixasse de falta de sal; mas o que quem os nossos leitores se o sal está pela hora da morte? A Republica annunciou-o no Correio a 500 reis a libra. Inda haverá alegria no Correio? Si está tão caro o sal de cozinha, calculem o attico!

Dias movimentados. Festas. Anno Novo e Reis Magos, mas sem annueta que lique recordando o que foram esses dias, caracterisados por essa consagração burguesa que se resumiu na exposição de uma vestimenta nova, onrescavel, de um bôlo forte com economia de manteiga, attenta a caresta de genero, e a esse impido vai vem pelos passeios, trocando as portas complementos seductivos conhecidos que se encontram.

Nada de tradicional que desperte a admiração ou emoeção.

As antigas lapinhas, que em si mesmas ensinam d'outros tempos nos suggeriam alegrias bucolicas, effusões suaves e confortantes, enloucavam-nos, transportando-nos em espirito nos tempos primitivos da era christã, seguem caminho da decadencia, desvirtuando as bellas lendas que representam, e n'uma vertigem de modernidade cabem na mais chata e vulgar fôrma que um espirito esmiadado pode imaginar.

Com um attico faz visto e uma que-

lificada de deslumbrante, que illustra devoto construiu a beira do lar.

Pobre Christo! murmuram em unânime ao contemplar o aspecto bellido da lapinha, tirando do estabulo e lancando a caserna!

Com effeito alli tudo era milim.

Como um preto no militarismo, vestiram o mesmo Jesus de cadete. Nossa Senhora parecia uma vivandeira e S. José humilde, postado a um cantidudei um ar todo de sargento.

Os tres reis magos tinham vestes farfalhas generaes, e se não usavam barrêtes phrygios tambem coroas não tinham para que não perigassem as instigções ante tanto rei junto.

O devoto illustre, que parecia mostrar-se sympathico ao positivismo, não esqueceu em sua mimidencia de detalhes de apresentar a bandeira nacional flutuando sobre a cabeça dos reis do Oriente, e n'ella escriptas as palavras symbolicas da vinda da Republica *Ordem e Progresso*.

E ainda os ditos reis, aquillo que ficava mais para o escuro, sustinha na mão uma bandeira com essa outra phrase cabalistica do positivismo: *Viver as claras*.

E acedido que por isso talvez muito de proposito, collocaram o tal rei em lugar escuro.

E assim que o povo do Ceará conserva a tradição historica dos grandes acontecimentos, dando as graças e encantadoras leadas do christianismo a feição burlesca da epocha em que e feita a comemoração.

Bol. congos e fanfancos acompanharam este anno a lapinha nos processos de adaptação. Estes ultimos procuraram por meio de paciente estudo de tipos dar ao conjunto da brincadeira o exacto realismo. Houve até quem suppozesse ver no almirante da rua do Imperador a figura marginal do almirante da Ilha das Cobras e mais de um espiadado affirmar encontrarão o Sr. Custodio de Mello no momento figurativo, disfarçado em parido.

Horrorosa rebeldia de iconoclastas pe segue tanto as usanças e costumes n'alguns que bem nos fazem lembrar longe o dia em que os devotos da milidreia, n'uma exultação entusiasmada, tiraram de acalho a matra da Porangaba e substituíram a effusa de martirios do Bôo Jesus, d'ora Affo tira por uma chitola.

Com essas coisas encerraram-se os quinze dias e nós enchemos a choroica e d'ella estará também cheio o lettor, si teve a paciência de chegar ao fim, que não é chegado, pois devemos voltar ao dia de Reis, para mandar ao camarada leal e antigo que dirige o *Diário do Ceará*, a nossa queixa por ter consentido em fazer annos e não nos ter dado parte.

IVAN D'AZOR.

N. B. -- Declaramos que quando Ivan d'Azor diz — não nos ter dado parte — falla somente por sua conta e não em nome da Padaria, que foi convidada e tomou boa parte na festa natalicia do Serpa.

O Ivan, como sabem, vive mettido lá para a sua Villa-Tolstoi e só por fructa apparece no Forte, isso mesmo quando é impellido pela necessidade de boiar abaixo a cabelleira, que ameaça cobrir-lhe os hombros, ou fazer as barbas, que já lhe chegam prender ao cós da calça.

Dahi a sua ignorancia a respeito do dia em que os camaradas colhem mais um botão no jardim de sua preciosa existencia.

Ivan tencionava, porém, organizar um registro de anniversarios, para não perder festas em que poderá brilhar o seu valente garfo.

A REDACÇÃO.

NO CAMPO

[Seruus da Vida ao Ar Livre]

Ao Sol

Manhã esfumada de vaporisações brancas, nevoenta como uma Phantasia allemã.

Uma nevoa fina, delicada, como pulverisação de neblina, alvejava as cousas, cortinava o campo.

Pela planicie se desenrolavam brancuras que me faziam idealisar paysagens suizas.

Cantava, triumphantemente, nas serranias, que se esbatiam, ao longe, uma diluição de azul e de neve.

Um céu, pincelado de nuvens, techava, cinzentamente, no alto, a transparencia do ar.

A Natureza tinha uma apparencia candida, fria e honesta para os filhos dos tropicos.

Uma immensa cortina parecia velar o deboche do verde, a luxuria da Seiva.

Manhã povoada de tristezas e de nevoas, indolente e sonhadora, inelmente para os corações abandonados, que mendigam esmolas de affectos, para os Pedro Cem do amor.

Manhã feliz para noivos, hão para plagiar idyllios de ninhos, e n coxins de seda, em alcovas,

onde reinasse a Primavera do amor, onde gorgeiassem affagos musicaes de labios, onde beijos trinassem como aves maviosas, invisiveis...

Nem uma nota fulgente de ouro fazia destoar o candor d'aquella manhã branca, que lembrava puberes, mostrando a alvorada de suas formas, sob transparencias alvas de cambraila... Somente n'uns longes de serra um bocadinho de azul.

Não tinhas vindo ainda, oh Sol ! tornal-a loura e quente.

A alvorada da nevoa plasticisava no campo, uma nostalgia de tua luz.

O Inverno te prohibia de apparecer, astro amado, suzerano da grande patria das estrellas !

Não tendo recebido as tuas saudações, vesti o meu sobretudo, e sahi a passeiar em busca de alguma cousa luminosa que té podesse substituir.

Em caminho mudou-se o scenario do campo. Desappareceu a nevoa.

Neblinava quando me encontrei com Emilia, a mais bonita serrana d'aquella região. Surprehendida pela neblina em seu passeio matinal, ella estava abrigada debaixo de uma arvore.

O seu olhar illuminava a folhagem, as arvores, que me appareciam como que lavadas n'uma liquefacção de diamantes.

Achei-a tão luminosa que alli fiquei...

Quando appareceste, oh Sol, Emilia aquecia-se no meu sobretudo, e eu no manto escuro de seus cabellos castanhos.

Vieste indiscretamente nos espreitar.

Emilia ao ver os teus raios, espalhados travessamente pela terra abandonou-me, deixando-me sem o calor estival daquelle morno aconchego em pleno ar livre, estival calor que só durou, enquanto a tua luz não veio, lá da patria das estrellas, visitar-nos.

Oh Sol ! N'essa materia incandescente de que és formado, não ha vibrações de nervos, não ha fremitos de paixão. Ignoras o mysterio d'esse sangue, que tu fazes ferver nas veias d'um brasileiro, d'um meridional.

Não tens coração, nem temperamento, nem emoções.

Nunca sentiste o que um homem

sente junto de uma mulher bella e tentadora.

Não comprehendes o que seja amor Humano : si comprehendes, não me terias apparecido, n'a quella manhã invernosa e fria, quando Emilia me envolvia no luar morno e sombrio de seus cabellos castanhos.

Talvez que não...

CABRAL DE ALENCAR.

(Abd'ul Assir)

CHROMOS

IV

DESCONFIADA...

*E' domingo. A tarde encanta!
Quem-ar uns sons de guitarra...
—E' o pescador Manoel Barra
Que alli no terreiro canta.*

*A casinha se levanta
N'aria onde a praia esbarra.
Agora Ignor desamarra
Os caranguejos p'ra a junta.*

*Chega o vizinho Palmeira,
Tira um nickel d'algibeira!
—Olha! — diz p'ra Mariquinha...*

*Ella vai... toma o presente...
E esconde o rostinho quente
No fralda da camisinha...*

V

O PINTO

*A casa é branca; o terreiro
Varre-se todo d'ardorinho.
Bem junto d'ronqueira e d'pinho
Pequeno grupo ligirino*

*Folga, sorrindo fogueiro,
(— canicetim —, Joanninha
Sua correndo e da gallinha
Piza o pintinho fuceiro!*

*A velha Acó, que seitada
Troca os bilros n'almofada
Ergue os óculos e diz: — Figa!*

*Creaturinha traquina!
— Passa p'ra dentro, menino!
— Sae d'ahi, não sei que digas!*

VI

LADRASINHA

*— E' cega quasi de guia!
Nos annos muito avançado
Aloa, magra e descorada,
Bate algodão, limpa e flá!*

*Sob o alpendre todo o dia
Vê-se branca rede armada,
N'ella a velha está deitada
Desde a aurora d'Acc-Marim.*

*Cochila; encosta a cabeça...
Vem Lucia — aeta travessa —
Peça o suco que a acó tem...*

*A velha acorda e apalpando
Ajorra o Lucia, gritando
— Boto p'ra aqui meu rítem!*

X. DE CASTRO

AFFONSO CELSO

PADARIA ESPIRITUAL

A nossa associação acaba de conquistar uma destes galardões inestimáveis, bastante para só por si compensar toda a sorte de esforços que temos feito em prol dos nossos idéas, verdadeira medalha de honra que d'ora avante ostentaremos como a mais preciosa reliquia da nossa trajectoria pelo mundo das Lettras.

Affonso Celso, o formosíssimo talento que depois de nobilitar a nossa Patria como homem politico enriquece presentemente a sua litteratura dotando-a com as suas brilhantes obras, tão merecidamente reputadas, acaba de distinguir-nos dedicando a Padaria Espiritual o seu ultimo livro *Um incojado*.

E' com o mais inexprimivel jubilo e justo orgulho que aqui transcrevemos a honrosissima dedicatória impressa na primeira pagina do livro de Affonso Celso, ao qual apresentamos os protestos do nosso profundo reconhecimento e da nossa viva sympathia.

Eis a dedicatória:

A

PADARIA ESPIRITUAL DO CEARA

Não tenho a fortuna de conhecer pessoalmente um só dos moços, que compõem este grêmio litterario. Dedico-lhes, entretanto, o presente esboço, em signal assim de reconhecimento pelas muitas provas de immerecida consideração com que me têm distinguido, como do sincero apreço que tributo aos intelligentes esforços por elles feitos em prol das lettras patrias, insprados na bella e fecunda divisa que adoptaram Amor e Trabalho.

Alto da Serra [Polipolis], 11 de Setembro de 1891

AFFONSO CELSO

Premio merecido

AO ANTONIO DE CASTRO

Aque'lla creatura de pelle rosea e macia, que conserva na physiologia os fugidios traços de uma belleza que de-lumbrou, foi, por

muito tempo, a deusa incensada por uma mocidade avida de gozos e cheia de desejos inconfessaveis.

Quando ella apparecia na Avenida, alva, loira e rosea, faces rubecentes como sangrentas papoulas, exhalava-se de seu corpo um perfume capitoso e forte. De repente todos os olhares assestavam-se para ella e as outras moças pareciam desaparecer na onda de povo que passava.

Nenhum rapaz ousava acompanhá-la, mas todos conheciam-lhe a voz maviosa que se escapava de de sua pequena bocca num ciciar dulcuroso.

Seus passos cadenciados faziam o rumor que produzem as asas de uma ave cortando o espaço num vôo preguiçoso e lento.

Sem incidentes, sem um facto notavel desliziava-se sua vida.

Nenhuma paixão lhe agitava o seio; e os dias passavam-se monotonos, infinitamente longos. Sua alma parecia um quieto lago, cujas placidas aguas e levemente encrespada por um vento brando. Jamais sentira o turbilhonar de um forte amor que lhe fosse turbar a doce paz em que vivia. Concentrava-se longos dias em seu palacete azul e sentia-se bem no aconchego do lar, ao lado de sua mãe. Raras vezes ia ao baile. Abominava o sorriso hypocrita que enflorava os labios dos convivas e as phrases banaes dos rapazes que têm paixão pela dança. Gostava mais d'essas festas intimas de familia, onde ha expansão sincera e franca.

Levava essa vida de collegial, longe do mundo, sem mesmo conhecer os interesses que nelle estão em jogo; mas um dia um poeta lembrou-se de fazer-lhe uma declaração amorosa em versos vibrantes e correctos, e fel-os publicar num jornal. Logo que as leu encolerisou-se e numia crise nervosa rasgou-os, indignando-se com o poeta que gastara longas horas a lapidar cuidadosamente aquellas estrophes mensageiras de um amor não correspondido.

Tempos depois ella casava-se com um burguez dinheiro, ao vermelho forte, de abdomem dilatado e que não sabia ler.

6 de Dezembro de 94.

ULYSSES BEZERRA

[Foi Juv. Catavento.]

Poetas contemporaneos

CAMPOAMOR

II

Emquanto ali espalhando pela imprensa e em pequenos volumes as *Idéas de Raimon de Campoamor*, cuja versatilidade de talentos admiravelmente se desdinhava de dar a sua actividade outras applicações, que revelam a pujança de seu multiplo talento.

Com effeito o deliberoso poeta-philosopho é tambem um medico distincto, politico militante, historiado, e tem um tirocínio brilhante na administração.

Assim, ao mesmo tempo que desempenhava os cargos de prefeito de Castellon, governador das provincias de Alicante e Valencia, subsecretario no ministerio da fazenda e deputado ás Cortes, elle publicava a sua *Historia critica das Unies refecturias*, um livro sobre o Espirito das Leis e os seus grandes poetas *Columbo e O Divino Universal*.

O primeiro é a mais fraca de suas obras poeticas; o assumpto não quadra bem a sua indole; a descoberta da America não da muito pretexto a dissertações philosophicas nem aos conceitos vibrantes ou pungentes que elle prodigalisa nas *Dolours*, esfolhando a interminavel casustica do amor ou das contradicções do espirito humano misterios da vida.

Para combater os feitos de Colombo tem mister, a na penina affirma o culto templão da natureza, e Campoamor se apraz muito melhor em sondar a alma humana do que em se cingir ante os aspectos da natureza.

As bellezas da cretina e as do Novo Mundo o deixam frio, e na epopea do hominum elle canta, mais a genioza da Hespanha que a do genioza, impetiva que se deveu deixar ao patronismo.

El *Divino Universal* é um longo poema philosophico, uma conspeção estubria, com arcos de pensamentos singulares, allegorias mal transparentes, e alguns pontos de contacto com o Abacorus de Quinet, ou o Evaristo de Giotto.

Nesse vasto quadro, realçado por numerosos episodios, alguns dos quaes verdadeiramente epicos, o protagonista (Homomus) passa successivamente pela mais variada serie de transmutações que ja foi concebida, no intuito de alcançar o desprendimento e a dissociação dos seus vícios. Depois de longas peregrinações por mundos imaginarios e de abstracções de exaltamento e desordem, uma lagrima vertida na sua vida redisa a sua salvação.

Ha neste poema versos bellissimos e conceptos admiraveis. E' de um profundo alcance philosophico a scena em que, procurando a alma de Homomus no cemiterio, um corpo a que se prendem os esqueletos fogim aterrorizados ante a perspectiva de recobrar uma alma—a fonte de todas as penas e misérias.

São dignos de ser transcriptos que dizem: "de ser de corpos, es, es angelos e magistros versos da conclusão do poema."

Allí mora el gran Dios, de q' están llenos
Los cielos y los mundos superiores;
El que enseña a los malos a ser buenos,
Y a los buenos a ser mejores!

El q' ama al triste y el q' al debil guía,
El que cuida a los alm 14 prisionadas,
El que cambia la injuria en simpatia,
Devolvendo á la vaina las espadas.

El fuerte a quien no hay llanto que no
ablande
El Dios que pone con bondad su mano
Entre el pobre y la colera del grande,
Entre el pueblo y la espada del tirano.

III

Em todas as suas obras o que Campoamor tem de mais perfeito são os *Pequenos poemas*, composições mais recentes que as *Doloras*, mais desenvolvidas, porém concebidas no mesmo espirito pessimista.

Mais positivos ou menos symbolicos que os *Poemas em Prosa* de Turquezael, menos tragicos ou menos intensos que os *Contos em verso* de Coppis, e os *Pequenos Poemas* de Campoamor fazem comtudo lembrar uns e outros.

Dulces cadenas é a historia de um passarinho, cuja dona, no augo da felicidade por desposar aquelle a quem ama, entende fazer tambem feliz dando-lhe a liberdade; a pobre ave, habitua ás *doças cadenas*, volta a ver morrer de frio junto ás vidraças da migrata amiga. *El tren expresso*, pintara de um deuses affectos passageiros, que duram dias ou horas e são seguidos de uma separação e orna, deixando na alma lembrança ineludivel, é eminentemente suggestivo.

Los buenos y los malos é o titulo do mais realista e mais pungente da collecção; é a historia de...

Mas eu estou commettendo um grave crime, do que sou a ser victimas contistas, narradores e... leitores — antecipando-me a destruir a impressão artisticamente preparada pelo escriptor na exposição de sua idea.

Limite-me, pois, a citar e recomendar *La luna rota*, *El amor y la muerte*, *Dichas sin nombre*, *La orgia de la inocencia*... em summa, das *Doloras* deve se ler o que for possível; dos *Pequenos Poemas*, tudo.

Passemos por alto sobre as *Humoradas* e os *Cantares* para chegar ao ultimo livro poetico de Campoamor.

El licenciado Torralba, publicado em 1894, é ainda um poema estranho que faz lembrar por mais do um aspecto o Fausto de Goethe: do qual se distingue porem pela intensidade extrema a que no protagonista hespanhol attinge o *tridium citar*.

Torralba foi, exactamente como o Dr. Fausto, um personagem real, extraordinariamente engrandecido pela legenda, ainda mais. Torralba e Fausto foram do numero dos muitos martyres da sede do saber, que os seculos XIV a XVI, — os seculos da luta pela liberdade religiosa e pela restauração da arte, — viram na Europa.

Campoamor, aproveitando das lendas que ellas tinham de aproveitavel, e recompondo com o seu grande conhecimento da alma humana a individualidade desses martyres das supersti-

ções achou o assumpto de uma das suas obras mais perfectas.

Victima do excesso de estudo, homem estranho e infeliz, incomprehendido na sociedade ignorante e boata, combatido elle mesmo pela cronca o pelo scepticismo, o licenciado Torralba tornou-se visionario, teve allucinações, teve a desgraça de prover alguns acontecimentos politicos e a ingenuidade de o dizer. A Inquisição apoderou-se delle e a desgraça expirou em tormentos pavorosos.

Campoamor associou á vida de Torralba o romance de uma fidalga hespanhola, como elle se lonta do ideal, e assim ponde fazer mais completo o seu estudo da alma humana em dois typos differentes.

É um quadro horripilante, de uma intensidade notavel a descripção dos tormentos inquisitoriaes, no meio dos quaes o misero doutor exclama:

Adelante!...

No pido q' me alargue um solo instante
La vida que me ilige.
Dios dió al Judío errante
La eternidad terrestre por castigo.

No *Licenciado Torralba* ainda se pde em relevo como nas *Doloras* o raro talento do auctor para realizar uma condensação de ensamento verdadeiramente prodigiosa.

No começo d'este estudo observamos que a indole de Campoamor se condunava extremamente com o estado moral da sociedade contemporanea. E' no poema de Torralba que essa conformidade melhor se observa.

Torralba, como Campoamor, o como a sociedade actual, são agitados por sentimentos contradictorios e por um estado de verdadeira perplexidade. De um lado as conquistas da sciencia positiva, de outro a saudade dos idóneos, que fogem e a a dor de ver que a perfeição sonhada ainda vem longe, n'um futuro incerto, crea na alma moderna esse estado moribdo que se resolve ora n'um pessimismo extremo, ora em um mysticismo inconsequente e as mais das vezes em um tédio atroz.

E' portanto Campoamor acima de tudo um poeta do seu tempo, e não concorre pouco para isso a propria concisão, essa apurada condensação de pensamento, que é a caracteristica do seu estylo e que mais assimilaveis torna as suas obras em uma epoca em que a vida humana já se vae tornando curta de mais para a immensa mole do que temos a ler e estudar.

Fortaleza, 1894, dezembro.

José Carlos Jcmion.

(Bruno Jacq.)

BIBLIOGRAPHIA

I — *Cartas da Europa*, por Campos Salles, Rio de Janeiro, 1894.

Nessa litteratura ligeira, hoje tão em moda, que guarda a nota das impressões que recebe o viajante por onde passa, o livro do

Dr. Campos Salles vae ter logar escolhido pela justeza dos conceitos, pela clareza das informações e sobretudo pelo criterio moral dos confrontos das coisas estrangeiras com as nossas.

Na decima Carta em que o illustre estadista brasileiro nos falla da Suissa, ha ensinamentos que muito nos podem aproveitar e exemplos de civica educação que a mocidade brasileira muito ganharia em seguir.

O livro ha de agradar a todos os que olêrem, e tem a grande vantagem de unir a utilidade ao agrado, o que é oiro sobre azul, e desideratum que nem todos alcançam.

E' um livro cuja leitura faz bem, tempera os nervos e dá vigor ao coração.

II — *Decrepitude Metromaniaca*, XIII livro de versos do P.^o Cockrea de Almeida, Rio de Janeiro, 1894.

Si não fôra o baptisterio do P.^o Correia, ninguém lhe daria, lendo a *Decrepitude Metromaniaca*, mais do que vinte annos, tal é o humor sadio, que seus versos instillam na alma de quem os lê.

Mesmo com a vista na certidão de idade, o leitor dirá com seus botões que é falso esse documento.

O brilho e frescor da phrase, o colorido do verso onde a riqueza de rimas espanta, faz-nos ficar matutando sobre a longevidade do illustre poeta mineiro, cuja alma tem alegrias de *cubal* e risos de creança.

A *Padaria* guarda entre as jóias de seu thesouro as pro-luções do Padre Correia d'Almeida, e dia a dia mais se orgulha de o ter como seu socio correspondente.

III — *Phrases e Phantasias*, por Cloris Berilaqui, editores Hogue & C.^a, Recife, 1894.

O ultimo presente do eminente pensador e juriconsulto carense vem revelar-nos um lado novo de seu talento, consagrado aos pesados labores da cathedra e a estudos de critica e sciencia de direito.

Em seus lazeres a alma de Cloris cahê em extasis pela Arte e vibrando em doces effluvios as notas tiradas da harpa esquecida, desliza pelo mundo das *Phantasias* e nos manda em dez mimosos contos as suas bellas *Phrases*.

Como é doce e calmo o descansar d'aquelle grande espirito, onde

o *Digesto* e o *Corpus Juris* não conseguiram ainda accumular a poesia da estopadora prosa com que se reveste a grande sciencia de Ulpiano.

Seduz-nos o estylo do livro de Clovis assim como causam-nos sempre admiração e respeito as obras do mestre.

Jurisconsulto, critico ou litterato, comparando legislações, esmiuçando detalhes em obras de sciencia ou lançando phrases e phantasias, Clovis Bevilacqua dá sempre cunho deslumbrante a tudo o que escreve.

É dever nosso admiral-o e agradecer-lhe o delicado presente, que nos enviou.

A NOSSA CORRESPONDENCIA

Aos distinctos litteratos que nos honram com as suas sympathias podemos venia para illuminar nossas columnas com as cartas que nos dirigem, cartas que versando sobre assumptos litterarios e dizendo respeito a nossa associação, têm aqui perfeito cabimento.

Que nos perdoem a vaidade de exhibirmos estes honrosos documentos que de uma maneira tão generosa coram os esforços que temos feito para elevar os estudos litterarios do Ceará.

Aos que nos reprovaem este procedimento respondemos como Arthur Assedó por occasião de dar publicidade a uma carta de Arrupe Junior: «Presinto que me hão de censurar a publicação desta carta, mas, que diabo! quem apunha uma medalha de honra pendura-a no peito, e... fale quem quizer.»

Por isto aqui vão as cartas:

PETROPOLIS, 22 DE AGOSTO DE 1891.
Illustré confrade Sr. *Mauryr Jurema* Commoveu-me e penhorou-me sumamente a vossa bella carta, em nome da *Padaria Espiritual*.

Consagro aos moços talentosos e trabalhadores que constituem esse premio litterario a mais viva sympathia.

Os generosos applausos que d'elles tenho recebido, considero-os como galardões preciosos. Esforçar-me-hei por mostrar-me cada vez mais digno da benevolencia com que me distinguem.

A vossa referida carta traduziu perfeitamente a disposição de meu espirito.

Parodiando Prevost-Paradol, direi: — a politica, a advocacia, os negocios foram-me viagem; a litteratura é a minha patria.

Acceito e transmitti aos vossos distinctos companheiros um cordial aperto do mão de quem pondo os seus prestimos insignificantes e a sua immentia boa vontade ao serviço da *Padaria Espiritual*, tem a honra de se subscrever, meu caro confrade, todo vosso, Affonso Celso.

RACIUS, 17 DE NOVEMBRO DE 1894.
Meu caro Antonio Salles. Venho declarar-lhe que acceto a honra que me fez a *Padaria Espiritual*, cujos creditos, como foco luminoso de fino espirito e bom esforço, se firmaram já em todo o paiz.

Aqui estou ás ordens de meus confrades.

Felicito-o pelo interessante *Retrospecto* que enviou-me. Boa prosa transparente e vivaz que se ingere como ao fôssio um copo de refresco dos mais capitosos.

Na impossibilidade de enviar um exemplar das *Phrasas e Phantasias* a V., no Waldemiro, ao Sabino, ao José Carlos e cada um dos que ali me honram com sua amizade e que de mim se lembram quando atiram nos ventos do espirito as suas produções, remetto um a *Padaria Espiritual*, onde todos ou quasi todos se congregam. Dê-lhes por mim e acceto tambem as minhas desculpas. Do collega e amigo, Clovis Bevilacqua.

OURO PRETO, 10 DE NOVEMBRO DE 1891. *Illustré confrade*. Tenho presente o vosso officio de 26 do mez passado, em que me communicaes que a *Padaria Espiritual*, da qual sois digno 1.º Forneiro, conferiu-me a insigne distincção de ser o seu socio correspondente nessa cidade.

Accetando o saliente posto que, em nome dos vossos amados confrades, me designaes, procurarei corresponder á confiança de que a *Padaria Espiritual* me faz depositario.

Agradeço-vos juntamente com esta distincção, a remessa que me fazeis do saltitante e precioso *Retrospecto*.

Dou começo a minha missão de socio correspondente enviando á *Padaria* um volume da «*Revista da Faculdade de direitos*», de que sou lente, e 2 de poesias, que presumo ainda não terem sido enviados á vossa Bibliotheca.

Pego-vos que logo que reapareça o *Pão*, do qual actualmente estou em completo jejum, me envieis sempre um numero. Amor e Trabalho. Augusta de Lima. (Socio correspondente.)

MEDALHAS

IV

RAYMUNDO CORRÊA

Alma lyrical de delicado artista
Numorquismo hostil de acropatha,
Tostado embora ao bafio praximista,
Elle de amor ás cezas se arrebuta

Mas com tal furia indomita, imprecista
Ace preza não ha que se debata
Como seu coração quando o contrista
Da vida a lucta rispida, insensata.

Vel-o, é logo saber que muito soffre...
Enxque guarda do peito no auro coffer,
Magnas, emerecos fulgidos dilue-as...

E então, a masa de recolta conia,
Dominadora, ao nozco olhar nasoma
As elingyotriumphaldas ALLELUIAS!

AFFONSO CELSO

Pouco faz que voltos ao velho ninho
Das Lettras, e ao soltar a voz canoro,
De applausos um fremente borborinho,
Fez-as escutar pelo paiz em fóru.

Sim, afinal voltou-nos o Affonsinho,
Alma vibrante, candida, sonora
Que com tanto ferebr, tanto carinhô
Formosas RIMAS escreveu OUTRORA.

Vêde como ao seu masculo talento
Den tão bella feição o soffrimento
Que de tristeza as obras lhe poleilha.

Preciso é ter nos pulsos uma algema
Para escrever o tragico poema,
A epopeia de dores—MINHA FILHA.

COELHO NETO

A colossal brasileira Natureza
N'alma infiltrou-lhe fluidos mysterio-
zos,
Dotou-a com tão prodijs largueza,
Deu-lhe dons tão extranhos, tão pre-
ciosos,

Que a gente fica pavida, surpresa,
Quando oê, com suas arez victoriosas
Abranger toda a insolita grandeza
Da intelligencia, em saltos prodigiosos.

As mil cordas diversas da alma hu-
mana
A sua mão dedilha altica e ufana
Sem tremons, sem hyatos, sem cance-
ras.

E em festiceiros jogos malabares,
Vai atirando joias pelos ares,
— Estrelas para as lettras brasileiras!

MOACYR

CARTEIRA

A NOSSA RECEPÇÃO

Não podia ser mais gentil o acolhimento que nos fizeram os nossos collegas d'O Ceará *Illustrado*, d'A *República*, do *Diario do Ceará*, e d'A *Verdade*.

A todos agradecemos penhoradissimos as honrarias noticias que deram a nosso respeito e que não transcrevemos por falta absoluta de espaço.

Egualmente agradecemos a *A Republica*, do Pará, ao *Diario de Pernambuco*, *Correio Mercantil*, de Macaé, e outros as honrosas referencias que previamente fizeram ao nosso reaparecimento.

EÇA DE QUEIROZ

Desmente-se a noticia de ter estado doente o insigne romancista Eça de Queiroz, cujo estado de saude é excellento, affirma telegramma de Paris para a *Gazeta de Noticias*.

E' com o mais vivo jubilo que transmittimos esta boa nova aos nossos leitores, que de certo voltam ao eminente escriptor portuguez ardente e affectuosa admiração que soem despertar na

espírito das pessoas de bom gosto os seus admiráveis trabalhos litterarios.
Daqui enviamos a Eça de Queiroz o nosso abraço de congratulação por ter escapado ao barão do... telegrapho.

—
JOSÉ DE ALENCAR

Ja se realizou parte dos festivos promovidos com o fim de auxiliar a erecção do monumento a José de Alencar.

Falta apenas levar-se a effeito o concerto e o bando precatorio cuja execução está a cargo da Academia Cearense, Centro Litterario e Padaria Espiritual.

Lembramos aos nossos collegas a necessidade do apressar-se a realização desses compromissos afim de remetter-se logo á commissão fluminense o obulo do Ceará para a bronziificação da memoria do auctor de *Iracema*.

Que se faça sem mais demora uma reunião das tres associações para se traçar um plano do que falta fazer.

—
JUSTINIANO DE SERPA

Fez annos no dia 6 do corrente o illustre jornalista J. de Serpa, redactor chefe do *Diario do Ceará*.

O Centro Litterario festejou esse acontecimento indo fazer-lhe em casa uma esplendida sessão na qual se fez representar a Padaria Espiritual pelos seus membros Sabino Baptista, Ulysses Bezerra, Carlos Victor e Roberto de Alencar.

Além de algumas produções suas, leu Sabino Baptista as seguintes quadras de Moneyr Jurema:

(1) NATALICIO DO SERPA

Exultou, em nome d'O Pão,
Trazer-te, oh Justiniano
De Serpa, uma saudação
Por fazeres mais um anno.

Não quero ser indiscreto
Perguntando entre rapazes
Qual o numero secreto
Dos Janeiros que hoje fazes.

Não são poucos, com effeito,
Mas calcular ninguem pode
Pois nada diz a respeito
O teu frondoso bigode.

Disse-me-ha pouco um rapaz,
—Que biographo lizarro!—
Que tu carregaste barro
Para a igreja do Aquiraz!

Affirma um meu conhecido,
E affirmo com muito afieco,
Que tu já eras nascido
Na sacca de vinte e cinco.

E ha mesmo quem jure até
Que já sabias falar
Naquelle tempo em que o mar
Chezava á praça da Sé.

Não sei, mas creio que ha nisto
Muito exagero e maldade,
Portanto não mais meço
Em desconfiar tua idade.

Tens talento, e é quanto basta
Pois o talento é diamante,
Que a ferrugem devorante
Do tempo morde e não gasta.

Tens n'alma a chamma sagrada,
Que affronta o tufão das oras
E illumina a tua estrada
Com clarões de primaveras.

A tua ardente palavra
Nas almas das multidões
É como o incendio que lava
Nas florestas dos sertões.

A tua penna brilhante,
Da tibia dos astros cheia,
É um gladio relampejante
Abrindo caminho á Ideia.

E apesar da tempestade
Das rudes luctas da vida,
Conservas a alma florida
De doce affectividade.

Pois bem—~~nos~~ compartimentos
Muitos puros do coração
Guarda os cordões cumprimentos
Dos teus amigos d'O Pão.

6—1—85.

Terminou a sessão á tarde, seguindo-se o jantar, que esteve delicioso e deu lugar ás mais cordias saudações entre os convivas.

O Serpa e sua Exma. familia captivaram a todos pela extrema gentileza com que os tractaram.

Uma festa encantadora.

—
A NOSSA SESSÃO.

Em casa de Moneyr Jurema, realçou-se, sexta-feira ultima a nossa sessão semanal.

Estiveram presentes diversos membros do Centro Litterario e o Dr. J. de Serpa, redactor-chefe do *Diario do Ceará*.

Leu-se telegrammas de Padeiros ausentes e cartas de Garcia Redondo, Olavo Bilac, Arraife Junior, Elyson Ceará e um soneto do Padre Corrêa de Almeida dedicado á Padaria.

Apresentaram os Padeiros as seguintes produções:

O *exame primario*, conto de Lopo de Mendoza; *Misanthropia*, soneto de Marcos Serrano; *Impressões d'Arte*, verso de Guilherme de Miranda, socio correspondente no Pará; um trecho de prosa de Benjamin Cayhy; *Adas*, soneto de Anatolio Gervai; Carta em que Aleino Bandolim, ao seguir para o Pará, se despede da Padaria, e um artigo de Bruno Jacy sobre Campoamor.

Vianna de Carvalho, do Centro Litterario, leu alguns trechos do poemetto *Coração*, de Rodrigues de Carvalho, recentemente publicado pela mesma associação.

Terminou a sessão pela leitura do artigo de Strindberg, — *Curioso na produção artistica*, publicado na *Revue des langues*, traduzido ao portuguez da lingua por Bruno Jacy.

—
A SEMANA

Não temos recebido pelas ultimas vapores a interessantissima revista de V. L. M. Magalhães, ora confiada a

criterosa e incansavel direcção do sympathico Max Fleiuss.

Sabiamos que A *Semana* in passar á novos proprietarios, e foi isto sem duvida que determinou a sua suspensão, que, esperamos, seja mais brevemente possível, pois a pupilla do Valentin gosa da mais ardente sympathia entre a mocidade do Norte.

—
O PÃO

Devido a ter-se esgotado completamente a tiragem do numero antecedente, com que O Pão fez o seu reaparecimento, só podemos acceptar assignatura a contar deste numero.

Promettimos porém fazer mais tarde uma reedição do numero 7 para que não fique trançada a collecção dos que tomarem assignaturas agora.

—
CARLOS VICTOR

A Padaria vai se privar por algum tempo do excellento concurso de Carlos Victor, que seguiu para Baía (Pará) onde exerce as funções de promotor de Justiça.

Bons ventos levem o Carlos e o conduzam em breve ao seio dos seus collegas que tanto o estimam.

—
THEOPHILO MOURA

Em compensação, chegou-nos do Rio o Padeiro Rymundo T. Moura, 3.º annista da Escola de Medicina e tenente do Batalhão Benjamin Constant, posto em que presta grandes serviços á causa da Republica.

Th. Moura vem commissiõado pela Associação de Acclimação, para fazer propaganda dos fins da sociedade e adquirir elementos de um jardim botânico e zoologico que a mesma pretende crear.

Um effusivo abraço ao distincto camarada.

—
MISSA

Por alma da Exma. Sra. D. Maria Magdalena Baptista, pranteada irmã do nosso querido Sabino Baptista, fallecida a 17 do mez passado em Teixeira (Parahyba), celebra-se no dia 17 do corrente uma missa, na igreja do Patrocinio, ás 6 1/2 da manhã.

Para essa piedosa homenagem convidamos a todos os nossos collegas.

—
João Lopes

Foi passageiro do ultimo vapor do sul o eminente jornalista e pupante orador João Lopes, deputado pelo Ceará, que com sua Exma. familia vem passar entre nós as férias parlamentares.

João Lopes é um benemerito das nossas letras, as quaes deu notavel impulso quando dirigiu o *Libertador* e presidia o antigo Club Litterario de que foi órgão a invidiavel *Quintessencia*, onde terçaram annos os nossos melhores talentos.

A Padaria Espiritual é toda braços para abraçar o querido amigo no mais effusivo e fervoroso abraço.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DR.

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará aprovados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebções do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POS DENTIFRICOS. Alveão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamento achão-se à venda na pharmacia Gonzaga.

80. Rua do Major Facundo—80, Ceará.

Aguiar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em trazer a sua amavel frequencia as suas saudações, fazendo votos para que tenha as mais venturosas festas.

E a proposito de festas, cumpre-lhe chamar a attenção para os lindissimos artigos que acaba de despachar.

A mais chic *demaiselle* e o mais exigente *dandy* encontrão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69. RUA MAJOR FACUNDO. 69

ESTAMINET EUROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa meseta e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principescas delicadeza.

PROPRIETARIO,

Manoel Pereira dos Santos.

108 B Rua Formosa — 108 B

GRANDE LOJA DE JOIAS

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suíços etc, etc. **Relogios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado aortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas. preços sem competencia.

Jacques Weill & C^o

70 RUA DO MAJOR FACUNDO 70

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 44

31—Caixa do Correio—31

Confucio Pamplona & C^a

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uso domestico desde a sala de visitas á cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurantes, Igrejas, navios, chucaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobília-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61—Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

«Estrella do Oriente»

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pelo esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA INGLEZA

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga Agua Inglesa em todos os casos em que se faz mister a applicação d'este agente therapeutico.

Como tonico, anti-febril é um poderoso estimulante do organismo depauperado por graves enfermidades e um estomachico de primeira ordem. **Narope peitoral de anigico composto** Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchite, asthma e toda affecção pulmonar.

PRAÇA DO FERREIRO N.º 6.

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclyto Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantazias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a preço fixo.

54. Rua Major Facundo, 54.

A'S NOVIDADES

Reabriu-se a concorrência este conhecido estabelecimento da nossa praça. Especialidade em quinilharias, louças, vidros, e artigos para uso domestico.

Proprietarios.

CASTRO SILVA & C^a

54—Rua Major Facundo—54

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições as mais vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

Typ. STUART Rua Fernes n. 36.